

“As estrelas estando”: astronomia cenográfica em *Corpo de baile*

“The Staring Stars”: *Astronomic Scenery in Corpo de Baile*

Érico Melo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

erico.melo@usp.br

Resumo: A inteligibilidade do céu noturno em momentos-chave de *Corpo de Baile* aponta para uma elaborada alegorização das posições de certas estrelas e constelações. Esta leitura procura demonstrar a interpenetração entre céu e terra, dia e noite nos panos de fundo siderais das tramas de Rosa, com foco em “O recado do morro”, conto central do livro, e nas estritas condições de visibilidade da alegoria rosiana.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; *Corpo de Baile*, astronomia; mitologia; alegoria.

Abstract: This analysis of the astronomic landscapes of *Corpo de Baile* [Corps de Ballet], by Guimarães Rosa, endures to reveal the relationship between the positions of stars and constellations, and some key episodes/characters. The text is focused on “O Recado do Morro”, the book’s central narrative, and discusses the strict visibility conditions of Rosa’s allegories.

Keywords: João Guimarães Rosa; *Corpo de Baile*; astronomy; mythology; allegory.

Recebido em 28 de fevereiro de 2015.

Aprovado em 20 de maio de 2015.

Em *Corpo de baile*, o monumental ciclo de sete ficções de João Guimarães Rosa publicado em 1956, a concentração espacial das tramas dos quatro “romances”¹ em “ilhas” de clareza narrativa rodeadas de sertão ignoto, quase desconectadas do mundo exterior, indica uma autêntica limitação visual da enunciação. Por outro lado, a amplitude cartográfica das viagens dos três “contos” da Parábise dá contornos plásticos à liberdade de movimentos dos olhos e vozes dos personagens solistas.²

A articulação visível/invisível que governa a alegoria geodésica de *Corpo de baile* – em RM, ampliada de modo formidável para seu corolário audível/inaudível – é função da vivaz alternância de campos de visão proporcionada pela cinemática da narração através das saliências e reentrâncias da “orografia cenográfica”³ do livro. O mundo visto, recontado e cantado por seo Aristeu (CG), Manuelzão (EA), seo Alquist, Laudelim Pulgapé (RM) e vaqueiro Grivo do Urubùquaquá (C) – esses navegadores de serras e veredas, cantigas e boiadas – se revela muito mais amplo, variado e descoberto que o horizonte capiau dos campeiros estacionados na “ilha farta” do Pinhém em ELL, por exemplo, rodeada pelos paredões das serras do Saldã e do Rojo; ou do que o esconderijo amoroso de Soropita e Doralda no arruado do Æo, ao pé dos contrafortes orientais da serra Geral. No chuvoso Mutúm, “longe de qualquer parte”,⁴ as vertentes das serras do Meio (“do Urumutúm”⁵) e dos Olhos d’Água sitiam o ambiente do enredo por todos os lados, constituindo uma espécie de cosmo estanque aonde poucas notícias e pessoas de fora conseguem chegar. No Buriti Bom, recanto ficcional também isolado pelo rio Abaeté e pelo Brejão-do-Umbigo num lugar de difícil acesso (inclusive pela rigorosa triagem de nhô Gualberto Gaspar), o enredo quase se limita às peripécias tateantes da urbana Lalinha e seu aprendizado da roça.

¹Por convenção, adoto a denominação “poema” para as sete partes de *Corpo de baile*, tal como indicado por Rosa no primeiro índice da segunda edição do livro (1960). Mas, no segundo índice, “Campo geral” (CG), “A estória de Lélío e Lina” (ELL), “Dão-lalalão” (D) e “Buriti” (B) são classificados como “romances” sob a rubrica “Gerais”; “Uma estória de amor” (EA), “O recado do morro” (RM) e “Cara-de-Bronze” (C), agrupados na “Parábise”, transformam-se em “contos”.

²Para o mapeamento detalhado dos cenários geográficos de *Corpo de baile*, cf. MELO, 2011, cap. 1-2.

³Para o conceito rosiano de “orografia cenográfica” e a alegoria geodésica de *Corpo de baile*, cf. MELO, 2011, cap. 3.

⁴ROSA, *Corpo de baile*, p. 7.

⁵*Idem*, p. 70.

Em sua clássica análise do narrador nos contos de Nikolai Leskov, Walter Benjamin delimita uma oposição fundamental entre narradores andejos (“marinheiros”, “comerciantes”) e moradores (“camponeses”, “artesãos”) que se ajusta sem esforço às transições do discurso indireto livre dominante em *Corpo de baile*.⁶ Alheias à dimensão cartográfica das paisagens, via de regra ambientadas ao pé de encostas florestadas, as vidas estáticas dos caipiras nos remansos enredos dos “romances” são governadas pelo horizonte retraído dos silêncios e saudades do coração. Entrementes, as estradas e personagens cantantes dos “contos” da Parábase se espriam através dos vastos panoramas das serras de Minas, visualizando no mapa do livro a eloquente mobilidade e o admirável alcance da visão aérea do *kósmos theóros* cuja operação autoral de Narrador se desvela nesses três textos centrais.⁷

Em tal contexto cenográfico de visibilidades cambiantes, instrumentalizadas no imaginário dos poemas por paisagens terrenas ora vislumbradas, ora obliteradas, o domínio da astronomia empírica e da navegação astronômica é um traço distintivo do olho móvel dos “personagens andejos” em relação à estase míope dos “personagens moradores” de Guimarães Rosa. O céu do Sertão, espelho da Terra constelada de planetas, constitui para os geralistas capazes de perscrutá-lo e interpretá-lo um autêntico mapa orientador das travessias e esperas da noite.

Passagens decisivas de *Grande sertão: veredas* evidenciam a funcionalidade dos conhecimentos astronômicos nas derrotas dos navegadores-guerreiros do Sertão. Às vésperas da batalha do Paredão, por exemplo, em busca de rastros de Otacília e seo Habão, Riobaldo/Urutu-Branco se vale das estrelas para medir a passagem das horas: “A quase metade do céu tinha suas estrelas, descobertas entre os enuveados para chuva. O setestrêlo, no poente, a uma braça: devia de regular umas nove horas”.⁸ Na cena do pacto, do mesmo modo, Tatarana calcula o tempo de sua permanência nas Veredas Mortas a partir das posições das constelações da meia-noite: “Decidi o tempo – espiando para cima, para esse céu: nem o setestrêlo, nem as três-marias, – já tinham afundado; mas

⁶Ver BENJAMIN, “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”.

⁷Para uma leitura da operação das montanhas na cenografia alegórica de *Corpo de baile*, cf. MELO, 2014..

⁸ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 568.

o cruzeiro ainda rebrilhava a dois palmos, até que descendo”.⁹ Simulações computadorizadas comprovam que as posições das constelações de Touro (a que pertence o “setestrêlo”), Órion (com as “três-marias”) e Cruzeiro do Sul estão descritas com boa precisão no texto rosiano.¹⁰

Em CG, enquanto igualmente espera a noite passar e tenta “não dormir, nunca”, aterrorizado pelas assombrações do mato, o míope Miguilim “queria uma coragem de abrir a janela, espiar no mais alto, agarrado com os olhos, elas todas, as Sete-Estrelas”¹¹ – o mesmo setestrêlo de Riobaldo. As sete estrelas mais brilhantes do aglomerado das Plêiades ou M45 (Touro), mencionadas em diversas passagens dos livros de Rosa, e que se encontram no nadir da posição de Riobaldo durante o pacto (se a data de 24 de junho calculada por Francis Utéza está correta¹²), depois do Sol são os primeiros corpos celestes nomeados em *Corpo de baile*, antes mesmo da Lua ou de qualquer dos planetas. As auspiciosas Plêiades prenunciam a passagem de Miguilim/Miguel de “camponês” do Mutúm a “marinheiro” do Buriti Bom: seu desejo frustrado de ver o setestrêlo (ele é míope e ainda não sabe) dá lugar ao apurado conhecimento técnico da natureza demonstrado nas andanças com nhô Gualberto Gaspar, já adulto, em B. Estudado, de óculos e ao volante de um automóvel, ele finalmente possui a acuidade oftálmica e a mobilidade viageira necessárias à visualização das constelações da paisagem.

No entanto, é na cena estelar do início da coda de ELL que a convergência entre a visualidade da narração rosiana e o céu noturno de Minas Gerais se inscreve com profundidade e consequência realmente notáveis no campo alegórico de *Corpo de baile*. O vaqueiro Lélío e a velhinha Lina se preparam para fugir da inércia de moradores fixos no Pinhém e cavalgar através dos confins do Sertão:

⁹*Idem*, p. 420.

¹⁰Para as simulações do céu utilizei o aplicativo de licença pública Stellarium, disponível em <http://www.stellarium.org>. As simulações do céu noturno de *Grande sertão: veredas* se baseiam nas suposições de que as vésperas da batalha do Paredão se passam durante o início da primavera, e de que o pacto acontece no início do inverno.

¹¹ROSA, *Corpo de baile*, p. 34.

¹²Ver UTÉZA, *Metafísica do grande sertão*, p. 199.

* * *

Ver o fim da noite, volta das quatro – com as três estrelas maiores e mais brilhantes quase rumo a rumo na cumeeira do céu, e o Cruzeiro pendente na beira do sul, subindo uma braça, enquanto o sete-estrelô e as três-marias já desciam muito, descambando para o poente e pelo norte – e se madrugava, na Lagoa-de-Cima.¹³

Os três asteriscos que anunciam a escapada do insólito casal reproduzem textualmente o alinhamento das três estrelas mais brilhantes do céu do Pinhém (noroeste de Minas Gerais). Pois se comprova pela simulação computadorizada que, às quatro horas das madrugadas de primavera¹⁴ em Minas, as “três estrelas maiores e mais brilhantes” do céu – Sirius, Canopus e Procyon, em ordem decrescente de magnitude – se alinham próximas do zênite; que o Cruzeiro do Sul sobe do horizonte meridional; e que as constelações de Touro (a que pertence o “sete-estrelô”) e Órion, onde estão as Três Marias (conhecidas entre os astrônomos pelos bonitos nomes árabes Alnilam, Alnitak e Mintaka), mergulham para o ocaso.



Figura 1 – Vista do céu do poente às quatro horas da madrugada no noroeste de Minas, primavera

¹³ROSA, *Corpo de baile*, p. 236.

¹⁴“Outubro acabava”. *Idem, ibidem*.

Entrementes, a oeste, a constelação de Peixes, já quase submersa no poente (Figura 1), assinala simpaticamente o destino final¹⁵ do casal em fuga: a fazenda do Peixe-Manso.¹⁶ “Lélio governava os horizontes”:¹⁷ convertido em “marinheiro”, o “camponês” alarga seus campos de visão, até então restritos pela arena marciana das serras do rio Preto, e segue o rumo do infinito apontado no horizonte pelas estrelas zodiacais de Rosa.

Essa impressionante verossimilhança astronômica, que julgo não poder ser atribuída a mero acaso ou coincidência, aponta antes para um alegorismo toponímico intimamente inspirado no estudo ou, no mínimo, na observação atenta do céu. Com efeito, diversos documentos da pasta de estudos E12 do Fundo João Guimarães Rosa (IEB-USP), cognominada “Geofísica”, registram leituras do escritor cordisburguense sobre o tema. Paralelamente, encontra-se na Caderneta 3 um registro isolado – “Começaram hoje as observações astronômicas” – que pode explicar uma instigante anotação coletada no Caderno 7: “m% – começo de um conto. 1 de fevereiro; 26 de fevereiro”.¹⁸

Teria Rosa idealizado alguns de seus argumentos ficcionais a partir de certas configurações estelares? Ou ainda, poder-se-ia, de fato, pensar numa “astronomia cenográfica” em *Corpo de baile*, planejada como figuração mitológica dos movimentos básicos das narrativas? A vigorosa operação alegórica dos sete planetas no mapa terreno dos sete poemas do livro realmente faz pensar que o engenho geográfico de Rosa não poderia ter negligenciado o vasto potencial de sentido proporcionado pelas revoluções do céu das estrelas fixas, o oitavo círculo das esferas imperecíveis segundo Ptolomeu e Plotino.¹⁹

À primeira vista, essa hipótese astronômica não encontra subsídios consideráveis no espólio bibliográfico de Rosa. Os volumes mantidos sob a rubrica “Astronomia” na Coleção João Guimarães Rosa da Biblioteca do IEB-USP se limitam a três itens, todos em alemão. Dois deles consistem em diferentes edições ligeiramente distintas do mesmo título, de autoria

¹⁵“Olharam para trás: o sol surgia”. ROSA, *Corpo de baile*, p. 237.

¹⁶“Jam para o Peixe-Manso, um lugar forte, longe rota [...]”. *Idem, ibidem*.

¹⁷*Idem*, p. 238.

¹⁸Caderno 7, p. 10. A nota inclui um extenso conjunto de coordenadas de azimute e elevação para diversos corpos celestes, todas expressas em graus, minutos e segundos para essas duas datas, não reproduzidas aqui por carência de espaço.

¹⁹Para a operação alegórica dos sete planetas ptolemaicos em *Corpo de baile*, cf. ARAÚJO, *A raiz da alma*.

de Walter Widmann.²⁰ A data e o local da aquisição ou leitura da mais recente estão anotados à mão no frontispício: “München, 28-6-54”. Ambos os volumes reúnem diversas cartas celestes com comentários, e se dedicam à instrução de estudantes e amadores de astronomia, a olho nu ou empregando binóculos e lunetas. Entretanto, o terceiro item – aqui citados na sequência em que os consultei –, que consiste num conjunto de seis pequenas cartas coloridas para o uso de principiantes (Anfänger), compiladas pelo educador hamburguês Heinrich Grone (1867-1941),²¹ é um pequeno tesouro. Para os propósitos desta leitura, o documento mais importante do escasso corpus astronômico rosiano é, sem dúvida, a carta Grone no. 6, que consiste num disco giratório capaz de mostrar as posições das principais estrelas visíveis a olho nu na Alemanha, em todos os meses do ano, contra uma máscara de papel que indica os pontos cardeais. O centro fixo dessa projeção astronômica é a Estrela Polar, pertencente à constelação da Ursa Menor, principal ponto de referência do céu noturno no Hemisfério Norte (papel atribuído ao Cruzeiro do Sul abaixo do Equador).

A carta Grone no. 6 permite formular uma hipótese ambiciosa para a cenografia astronômica de RM: no início da noite do céu norte-europeu de verão, as três constelações reunidas em torno da Coroa Boreal (*Krone*) no rumo sul-sudoeste de um observador na Alemanha configuram uma espécie de emblema estelar das peripécias do protagonista Pedro Orósio, que se passam durante o simultâneo auge do inverno em Minas Gerais.

Sem que bem se saiba, conseguiu-se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadeiro Pedro Orósio [...] e teve aparente princípio e fim, num *julho-agosto*, nos fundos do município onde ele residia; em sua raia noroesteã, para dizer com rigor.²²

– “H’hum... Que é que o morro não tem preceito de estar gritando... Avisando de coisas...” – disse [o Gorgulho], por fim, se persignando e rebenzendo, e apontando com o dedo no *rumo magnético de vinte e nove graus nordeste*.²³

²⁰WIDMANN, *Welcher Stern ist das?...*, 1939 e 1952.

²¹GRONE, *Kleine Sternkunde für Anfänger auf 6 Postkarten*.

²²ROSA, *Corpo de baile*, p. 239, grifo meu.

²³*Idem*, p. 246, grifo meu.

Serpente, Coroa, Boiadeiro e Hércules num “julho-agosto”: penso existirem indícios suficientes para enxergar na pequena carta celeste de Heinrich Grone (Figura 2) uma espécie de partitura astronômica dos movimentos temáticos de RM – que, condensados em quatro de seus motivos básicos, são reproduzidos pelos fenômenos siderais nos instantes decisivos da transmissão do recado do morro da Garça. Pois se comprova que no céu das tardes de “julho-agosto”, em Minas Gerais, as mesmas quatro constelações pairam (conquanto em orientação invertida) sobre o rumo nordeste, nas vizinhanças do “rumo magnético de vinte e nove graus nordeste” apontado pela “loxía”²⁴ do recadeiro Gorgulho durante o encontro com a comitiva conduzida por Pedro Orósio (Figuras 3 e 4). Obviamente, nesse horário as estrelas não estão visíveis para os viajantes – a não ser, talvez, para o próprio Gorgulho, sagaz andarilho apto a captar as ocultas mensagens do céu e das profundezas da terra.



Figura 2 – “num julho-agosto” (Carta Grone no. 6, detalhe. Fonte: coleção particular)

Pedro Orósio é o modelo paradigmático da conversão existencial de personagem morador (“Boiadeiro”, o “camponês” estático) em viajante (“Hércules”, o herói ambulante/“marinheiro”) que somente a imersão movente nos vastos panoramas do céu e da terra é capaz de

²⁴Para uma explicação geodésica da “loxía”, cf. MELO, 2011, p. 26-29.

proporcionar. Na fuga final “até aos seus gerais” nativos,²⁵ no fecho do conto, Pedro abandona a timidez capioa típica de moradores fixos mal acostumados ao convívio de forasteiros e, enquanto canta e se embebda na estrada, se abre à total compreensão dos significados profundos da cantiga cósmica do recado do morro – compreensão entusiasmada que acaba lhe salvando a vida. Não mais um pacato enxadeiro residente ao pé da serra do Cuba, em Cordisburgo, e consagrado pela brutal vitória sobre os sete inimigos planetários, Pedro Chãbergo escapole até o chapadão do Urucuia “pulando de estrela em estrela”²⁶ – expressão que me parece ser indicativa da observação do céu estrelado como método de orientação noturna. Da escapada de Pedro “com medo de crime”²⁷ se depreende, nesse nível mais chão de leitura, que o destinatário final do recado imita o procedimento dos antigos navegadores que, desprovidos de bússola (tal como Riobaldo nos episódios noturnos acima abordados), recorriam às estrelas para manter o rumo das embarcações e estimar as distâncias e latitudes percorridas. Mas, no plano alegórico do texto, a expressão pode também apontar para a conversão transcendente do herói em constelação, num procedimento ficcional inspirado em certos mitos indígenas e greco-romanos.

Se não, vejamos: o motivo da coroa – atributo distintivo do rei – é inoculado sub-repticiamente em *Corpo de baile* pela descrição do Bispo que passava pelo Sucurijú, na abertura de CG:

Relebrável era o Bispo – rei para ser bom, tão rico nas cores daqueles trajes, até as meias dele eram vermelhas, com fivelas nos sapatos, e o anel, milagroso, que a gente não tinha tempo de ver, mas que de joelhos se beijava.²⁸

Transformado, ainda em CG, nos nomes sonhados do gato Sossonho – Rei-Belo, Reibél²⁹ –, o rei recorre em sublimidade já coroada no Romance do Boi Bonito: “Havia o homem – a coroa e o rei do reino

²⁵Um monólogo interior de Pedro Orósio informa que o protagonista provém do “Veredão da Cúia” (ROSA, *Corpo de baile*, p. 278). Trata-se da vereda da Cuia, que nasce nas vertentes do chapadão do Urucuia e deságua do ribeirão da Areia, que por sua vez faz barra no rio Urucuia. A vereda da Cuia está a noroeste da posição final de Pedro no conto, em Cordisburgo.

²⁶ROSA, *Corpo de baile*, p. 288.

²⁷*Idem, ibidem.*

²⁸*Idem*, p. 8.

²⁹*Idem*, p. 16-17.

– sobre grande e ilustre fazenda, senhor de cabedal e possanças, barba branca pra coçar”.³⁰ O motivo rei submerge em ELL e reaparece em RM na antiquada interjeição do Gorgulho: “Del-rei, ô, demo!”.³¹ Amplificado até o protagonismo na cantiga de Laudelim Pulgapé (o cantador ambulante e sétimo recadeiro), torna-se o mais importante núcleo semântico das diferentes versões do recado do morro, pois se refere ao verdadeiro destinatário.

Os sete nada diziam
porque o Rei iam matar.
Mas o Rei estava alegre
e começou a cantar...³²

Sintomaticamente, a única ocorrência direta do motivo coroa em RM se encontra num monólogo interior de Pedro Orósio, o próprio Rei dos Gerais, momentos antes da audição da cantiga augural: “Amanhã, devia de se apresentar para tomar a coroa, no giro de redor da igreja, agradecendo as bênçãos?”³³ É a véspera da “coroação” astronômica do enxadeiro-herói. Na noite do desenlace, bêbado e cantando, ele finalmente reconhece o próprio poder, transfigurado: “Ele, Pê, era o Rei, dono dali [...]”.³⁴

³⁰*Idem*, p. 142.

³¹*Idem*, p. 252.

³²*Idem*, p. 282.

³³*Idem*, p. 278.

³⁴*Idem*, p. 286.



Figura 3 – Vista do céu sudoeste na Alemanha, verão, início da noite

No plano cartográfico da viagem da comitiva, é fácil perceber como o S cartográfico da estrada do recado se assemelha à representação ideográfica da constelação da Serpente. No universo alegórico de Rosa, isso não exclui a articulação com a geometria em S do espigão divisor da região que governa a cartografia da trama;³⁵ antes fortalece a ideia de unidade cósmica que perpassa todo o baile sertanejo: das irradiações secretas das pedras antiquíssimas do sertão até as estrelas e planetas e suas influências sobre os enredos. Sete são as estações da viagem do recado assim como são sete as estrelas da “cabeça” à “cauda” da sinuosa sequência de estrelas da Serpente, separada de Serpentário (Ofiúco) por Walter Widmann, mas não por Heinrich Grone. O motivo serpente/cobra se propaga no livro desde o reptílico topônimo do Sucurijú, cuja aparição no texto prenuncia a estória da jiboia enrodilhada num menino,

³⁵Para a topografia em S da estrada de RM e do espigão divisor da “raia noroesteã” de Minas Gerais, cf. MELO, 2014, p. 127.

no Terentém.³⁶ O negro Iládio, no ruidoso final de D, é uma “cobra urutú desquebrada”.³⁷ Em B, por fim, encerrando a recorrência desse grafismo ondulante no texto, uma ofídica curva em S é avistada por Miguel nos meandros do rio Abaeté, rumo dos baixios do Brejão-do-Umbigo: “Instante, estavam no Alto Grande, onde esbarraram. A para o sul, se avistavam segmentos do rio – um grande S encolhido”.³⁸

Alguns comparsas terrenos do mito greco-romano da constelação de Boieiro (ou Boiadeiro), por sua vez, estão entre os personagens mais importantes de *Corpo de baile*. Manuelzão (EA), Lélío (ELL), o Grivo (C) e Soropita (D), para citar apenas protagonistas, são vaqueiros-boiadeiros exemplares, enquanto o “camponês” e enxadeiro Pedro Orósio se aproxima desses ofícios inclusive pela saudosa referência à “vaqueirama irmã”³⁹ dos Gerais Altos, gente talvez como os vaqueiros Jé e Salúz urucuianos, em CG. Ademais, Pedro conduz a comitiva do recado à semelhança do *Bärenführer* que na tradição germânica tange as Ursas Maior e Menor – aliás *Septem Trionis*, os “sete bois-de-carro” que marcavam o rumo do norte para os latinos.



Figura 4 – Vista do céu nordeste nas tardes de “julho-agosto”, região central de Minas Gerais

³⁶ROSA, *Corpo de baile*, p. 20.

³⁷*Idem*, p. 343.

³⁸*Idem*, p. 418.

³⁹*Idem*, p. 242.

Entrementes, como já aludido, a constelação de Hércules, prefiguraria o próprio Pê-Boi vitorioso, “forte feito um touro ou uma montanha”,⁴⁰ e que antes do triunfo planetário final sofre diversos trabalhos e provações em lugares distantes, assim como o heroico filho de Júpiter e Alcmena. Como também repara o ilustrado seo Alquist, o quase gigante sertanejo é um “sansão”:⁴¹ seu estatuto é mesmo próximo ao de um semideus.

Serpente, boiadeiro, herói, coroa: a simulação computadorizada confirma que, no início das noites de inverno,⁴² essas constelações carregadas de sugestões motivicas e temáticas descem pelo céu noroeste de Cordisburgo. Portanto, em algum momento da última noite de RM, o azimute⁴³ da Coroa Boreal em relação a Cordisburgo coincidirá com o ângulo geodésico que dirige o mapa terreno dos sete poemas de Corpo de baile – e assinala o rumo que é também o caminho da segurança dos gerais nativos de Pedro (Figura 6).⁴⁴ “Pulando de estrela em estrela”, talvez seja esse o momento em que Pê-Boi se torna finalmente capaz de decifrar “o escrito de sua velha sina, nos altos do céu”.⁴⁵

⁴⁰*Idem, ibidem.*

⁴¹*Idem, p. 245.*

⁴²O final de RM acontece – como se pode presumir pela duração total da viagem da comitiva, cerca de duas semanas – já no mês de agosto. Os episódios finais ocorrem poucas horas após o pôr do sol, talvez entre 20h e 21h. Pois, entre o momento em que Pê-Boi e Ivo deixam a praça da Matriz após a “reza noveneira” (“O mês de agosto, ainda anoitece depressa; fuscava” (ROSA, *Corpo de baile*, p. 280)) e sua saída do hotel do Sinval (idem, p. 284), onde ocorre o sarau de Laudelim Pulgapé, não pode ter se passado muito tempo – dadas as pequenas distâncias dos deslocamentos e a sequência de acontecimentos, limitada ao trajeto praça-hotel e à execução musical, além de um breve diálogo com seo Alquist.

⁴³Isto é, a distância angular (em sentido horário) de determinada estrela em relação ao meridiano de referência do observador.

⁴⁴Para o ângulo de trezentos e trinta e um graus noroeste que governa a geodesia do mapa de *Corpo de baile*, cf. MELO, 2011, cap. 1.

⁴⁵ROSA, *Corpo de baile*, p. 283.

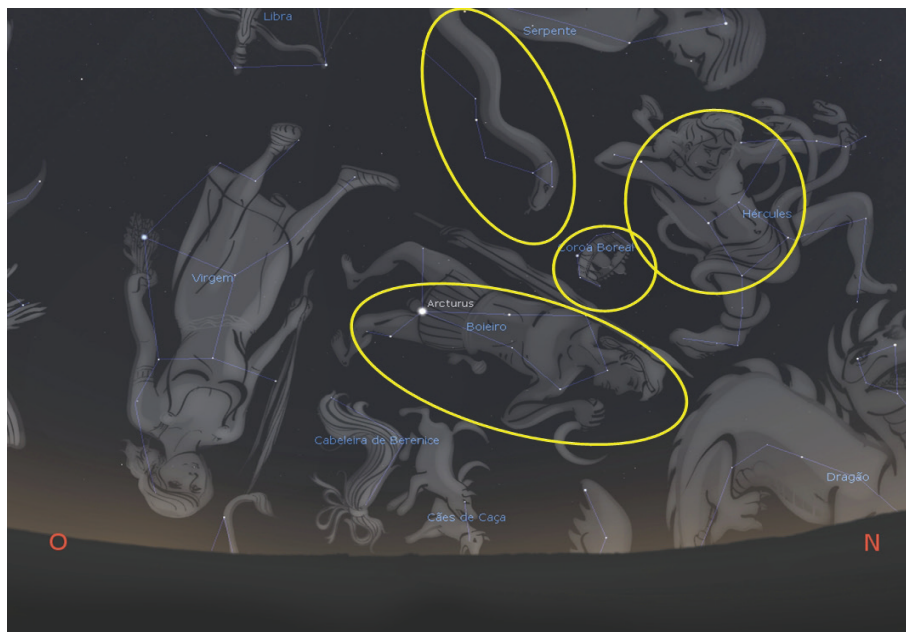


Figura 5 – Vista do céu noroeste de Cordisburgo no início das noites de inverno

Assim, a elaborada astronomia cenográfica de *Corpo de baile* explicita como as estritas condições de visibilidade da alegoria rosiana são proporcionadas pela alternância morador/andejo, “camponês”/“marinheiro” conformadoras do espaço-tempo narrativo. O sobe-e-desce da alma dos personagens principais – efetuado pela expedita terceira pessoa que domina a elocução dos tropos espaçotemporais dos poemas – emula as transições entre visível e invisível encenadas pelos movimentos e paradas do olho narrativo entre as saliências e reentrâncias da paisagem, com consequências diretas na visualidade da natureza do Sertão, incluindo, como procurei demonstrar, as revoluções celestes. Escalonadas entre as entranhas da Terra e as alturas inefáveis da oitava esfera, as vozes e os pontos de vista do livro são governados pelo

alternado movimento do ir e do vir, do longe e do perto, do transponível e do intransponível, do caminho e do descaminho, da vereda e do Sertão, da entrada e da saída, do começo e do fim de um percurso, da chegada e da partida.⁴⁶

⁴⁶NUNES, “De Sagarana a Grande Sertão: Veredas”, p. 253-4.

Logo, o viajante que deseje abarcar a “colossalidade”⁴⁷ da alegoria cenográfica de *Corpo de baile* – a olho nu, ou tomando emprestado o afiado binóculo de seo Alquist – deve necessariamente alternar-se entre postos de observação que lhe permitam dominar o panorama arquitetônico das montanhas, os caminhos marinheiros das boiadas, os volteios musicais das estradas e veredas – esses signos terrestres das linhas imaginárias das constelações que integram o acervo universal das estórias e mitologias.

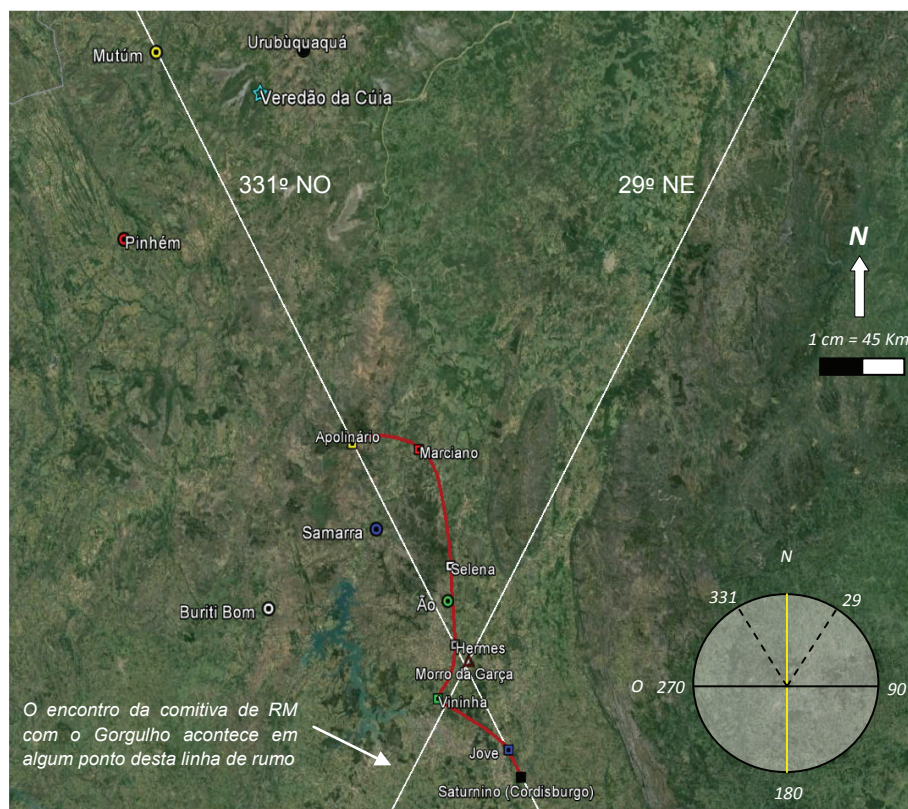


Figura 6 – Os rumos 29 graus nordeste e 29 graus noroeste (isto é, 331° NO) na topografia de *Corpo de baile*, com o traçado em S da estrada da comitiva de RM mostrado em vermelho.

⁴⁷ROSA, *Sagarana*, p. 238.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *A raiz da alma*. São Paulo: Edusp, 1992.

BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras escolhidas*, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GRONE, Heinrich. *Kleine Sternkunde für Anfänger auf 6 Postkarten*. Hamburg: Otto Messer, 1931.

MELO, Érico Coelho de. *Rumo a rumo de lá: Atlas fotográfico de Corpo de baile*. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-27102011-070145/pt-br.php>. Acesso em: 19 fev. 2015.

MELO, Érico Coelho de. “‘Orografia cenográfica (um mapa)’: a música das montanhas em *Corpo de baile*, de João Guimarães Rosa”. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, vol. 23, no. 2, p. 119-134, 2014.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*, 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*, 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*, 14ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. São Paulo: Edusp, 1994.

WIDMANN, Walter. *Welcher Stern ist das? 48 ganzseitige Sternkarten mit einer Tabelle zum bestimmen der Sternbilder*. Stuttgart: Franckh’sche Verlagshandlung, 1939.

WIDMANN, Walter. *Welcher Stern ist das? 60 Sternkarten mit einer Tabelle zum Bestimmen der Sternbilder in allen Jahreszeiten*. Stuttgart: Franckh’sche Verlagshandlung, 1952.